

# A MANIFESTAÇÃO DA ARTE LITERÁRIA NUM CONFRONTO ENTRE MORAL E DIREITO

**Janice Oliveira da Silva**  
Bacharela em Direito

## Resumo

Motivada pelas discussões acerca do direito divino (Sagrado) e do direito dos homens (Profano), esta comunicação tem como objetivo, numa leitura preliminar, analisar alguns trechos presentes no conto “A Puta de Deus” (1999), da autora paraibana Janaína Azevedo, que conflituam direito e moral, de acordo com os preceitos teóricos de Durkheim (1996), Gancho (2006), Santos (2007), Barzotto (2001), Venosa (2010), entre outros. Com riqueza de detalhes, erotismo, tensão e conflitos, o texto traz uma ruptura mitológica com a antropomorfização de Deus, evidencia a igualdade dos sexos na medida em que rompe com a submissão feminina, sacraliza o desejo sexual, ironiza o peso da sanção moral e enfatiza a união estável, proporcionando uma reflexão sobre a reconstrução de significados sociais para preservação da dignidade humana.

**Palavras-chave:** Sagrado. Profano. Direito. Sanção moral.

## Abstract

Motivated for discussions among the divine law (Sacred) and the law of men (Profane), this communication aims, in a preliminary reading, has the objective of analyze some of the excerpts present in the narrative "The Whore of God" (1999), the author of Paraiba (Brazil) Janaína Azevedo, which conflict with law and morality, according to the theoretical rules of Durkheim (1996), Gancho (2006), Santos (2007), Barzotto (2001), Venosa (2010), among others. Rich in details, eroticism, tension and conflicts, the text brings a break with the mythological anthropomorphizing of God, highlights gender equality as it breaks with feminine submission, sacralizes sexual desire, mocks the weight of moral sanction and emphasizes the stable, providing a reflection about the reconstruction of meanings society for preservation of human dignity.

**Keywords:** Sacred. Profane. Law. Moral sanction.

## 1 Introdução

Normalmente a literatura é entendida como sinônimo de ficção, algo irreal, trabalho de uma mente cheia de imaginação. Contudo, o escritor italiano Umberto Eco diz que a ficção desrealiza o real para criar um novo real

mais seguro, portanto ‘mais real’ do que aquele que se encontrava no ponto de partida. (ECO, 2003, *apud* KRAUSE, 2005, p.23).

Assim sendo, é possível enxergar que os textos ficcionais traduzem as muitas verdades que são apreendidas nas experiências da vida, quer como positivas ou negativas, quer como sagradas ou profanas, quer como certas ou erradas, quer como justas ou injustas. Isso porque, desde os primórdios, a humanidade mantém uma visão dualista na finalização de todas as suas ações.

E, falando em justiça, chega-se ao Direito que há tempos era visto apenas como aplicação de normas, mas que hoje mostra sua grandiosidade como fruto da cultura, como processo histórico, como soma de valores, como ciência e como arte.

Já se tornou um patrimônio do pensamento jurídico universal a ideia de que o direito é um fenômeno complexo, que envolve não somente normas, mas fatos e valores e, portanto, não somente a validade, mas também a justiça e a eficácia concorrem à formação da noção de direito. (BARZOTTO, 2001, p.146).

E nesse fenômeno complexo explicado por Barzotto, pode-se adentrar na arte literária para ver que um escritor, mesmo que inconscientemente, revela elementos e situações dos fatos jurídicos da época abordada. É o brincar com as palavras para codificar o que foi ouvido, vivido e desejado dentro das suas relações sociais.

A compreensão, por exemplo, do que é pecado, seja ele classificado, segundo Ferreira (2001, p.521), como original, venial, capital ou mortal, depende não só das doutrinas<sup>1</sup> religiosas, mas, principalmente, da leitura feita por cada indivíduo. Fato que é ratificado por Sautchuk, quando declara que se deve “ler como um escritor e não somente como um leitor”. (SAUTCHUK, 2003, *apud* PARAÍBA, 2007, p.35). Descobrir a relação entre o contexto da mensagem e o contexto do leitor é discernir, averiguar, criticar, reescrever.

Assim, reescrever sobre o que se tem medo ou fascínio é instigante porque põe à prova todo um acúmulo de conhecimentos psicossocioculturais. São eles que conceituam o desejo, o equilíbrio, o sensual, o normal, o erótico, o pornográfico, o lícito, o ideal; temas que muitas vezes se vestem de preconceitos conflituosos, mas que traduzem os diversos moldes da sociedade.

---

<sup>1</sup>Doutrina como princípio infalível e indiscutível.

Sabendo da riqueza de detalhes, aspectos e critérios que envolvem a análise completa de um texto, é mais salutar considerar que alguns elementos são examinados mais atentamente (opção adotada neste estudo). Destarte, na análise do conto “A Puta de Deus”, presente na obra “Marias”, da autora paraibana Janaína Azevedo (1999), dentro da sua liberdade de expressão, constata-se o conflito entre o que se entende por bons costumes e os avanços evidenciados dentro do ordenamento jurídico, como a ampliação dos direitos da mulher, o peso da sanção moral e o reconhecimento da união estável.

A personagem principal é uma mulher emancipada, conhecedora dos seus direitos, forte o suficiente para vencer preconceitos e lutar pela sua felicidade. Ainda, pegando por empréstimo o sentido da palavra “puta” do vocabulário luso-português, é uma criança que teima em não aceitar verdades prontas, que questiona a conduta humana e proporciona uma reflexão sobre a reconstrução de significados doutrinários para preservação da dignidade humana, ratificando o exposto no art. 1º, III, da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2011, p. 11):

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos:  
III - a dignidade da pessoa humana.

A Dignidade da Pessoa Humana rompe barreiras de discriminação, reconstrói objetivos e metas, proporciona uma releitura da finalidade da vida humana, por isso que as transformações sociais evidenciadas atualmente são parte da apreensão do sentido desse princípio maior, razão central da Constituição Brasileira.

Assim sendo, este estudo, através do conto “A Puta de Deus”, pretende analisar o Direito como fruto social, visto que a sociedade é o agente da reconstrução da sua própria história.

## 2 Sagrado versus Profano

Na evolução humana, esbarra-se na dicotomia imposta pelo pensamento religioso: o Bem e o Mal, como sinônimos para o Sagrado e o Profano. Parece que só existem dois caminhos a seguir, duas formas de pensamento, dois pontos de orientação intelectual.

Ferreira (2001, p.559) alega que profano “é algo que não pertence à religião, leigo, estranho a conhecimentos sobre determinados assuntos”. Daí

ser necessário afastar a ideia culturalmente apreendida de que profano é vulgar, sujo, imundo. Se um ponto de vista não é acobertado por alguma religião, não lhe é crível. Por outro lado, se faz parte dos seus princípios, “é profundamente respeitável e não se pode deixar de cumprir”.

Corroborando, lembra Patias (2007, p. 3) que “normalmente no ser humano não pode haver mistura ou confusão entre esses termos”. O meio-termo é traduzido como falta de amadurecimento ou influência da suposta lavagem cerebral científica. Para tanto, afirma Durkheim (1996, p.51): “o sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum”.

Contudo, adverte Santos (2007, p.1):

O Mal é algo que só se caracteriza graças, primeiramente, a existência do Bem. Porém, ao caracterizar-se, o Mal acaba por caracterizar o Bem, ou seja, caracteriza que o Bem é Bom. O Bem e o Mal são forças que se anulariam caso existisse apenas uma. [...] Essa relação é diretamente proporcional, ou seja, quanto maior for o mal, mais certeza teremos de que o bem é bom. [...] Portanto, o mal caracteriza o bem, mas sua existência depende da prévia existência do bem.

A citação acima contraria o que se aprende em salas de aula, nas igrejas ou no ambiente familiar, que é o fato de ter o Bem representado por Deus (o divino, sagrado) e o Mal, por Satanás. Este aproxima o homem do que é profano, “contrário ao respeito devido a coisas sagradas”. (FERREIRA, 2001, p.559).

Considerando, pois, a afirmação de Santos (2007), acima mencionada, é o profano que caracteriza o sagrado, ou seja, é Satanás que caracteriza a existência de Deus. A existência de Satanás é subordinada à existência de Deus, afinal, este é o criador universal, de acordo com Isaías, 45:5-7a:

Eu sou o Senhor, sem rival, não existe outro Deus além de mim. Eu te cingi, quando ainda não me conhecias, a fim de que se saiba, do levante ao poente, que nada há fora de mim. Eu sou o Senhor, sem rival; formei a luz e criei as trevas [...]. (BÍBLIA, 1987, p.1000).

De acordo com os escritos bíblicos, Deus é o criador do mundo e é distinto do universo. Depois de observar a negligência humana, responde com uma aliança, não mais com a humanidade inteira, mas com o povo liderado por Abraão. Mais tarde, escolhe Moisés para libertar os hebreus (seu povo) do poder egípcio. E assim, a visão teocêntrica é transmitida entre as gerações: Deus é o centro do universo e de todas as coisas existentes.

No sagrado tradicional existe uma sacralização de um “centro organizador” exterior (Deus, Cosmos, Natureza, Sociedade, etc.), o qual poderia ser graficamente representado por uma circunferência sobre a qual se alinham os “eus” individuais que reverenciam o centro e que estão distanciados sacrificialmente em relação a ele. (ANES, 2003, *apud* PATIAS, 2007, p.4).

A crença nesse “centro organizador”, explicado por Anes, vai sofrer uma profunda mudança com a chegada do Renascimento. O mundo antes limitado passa a ampliar seus horizontes com a descoberta de novas terras, invenções tecnológicas, perspectiva linear na pintura etc. A astronomia, que antes não passava de apenas um campo de investigação científica, agora se concentrava em mensurar o mundo e estabelecer a posição da humanidade dentro dele.

No sagrado moderno, verifica-se uma diminuição do poder (sagrado) do centro organizador de cada sociedade. Contribuíram para esta situação o avanço das explicações científicas e a perda do poder e do prestígio das instituições religiosas, que eram os únicos “centros organizadores” na sociedade. Contribuíram, também, o surgimento de vários centros organizadores (religiosos, científicos, políticos, sociais, inclusive a mídia) em consequência mútua, uns com os outros, como “modelos” e “germes” do sentido do mundo. O ser humano passou a ter com todos eles, pequenas distâncias sacrificiais. (ANES, 2003, *apud* PATIAS, 2007, p.4).

Pensadores, tais como o erudito inglês Roger Bacon (1214 - 1294) ? que destacou o papel fundamental do raciocínio indutivo e da experimentação ? , desafiaram a autoridade divina em relação ao mundo laico e propagaram que o homem deveria ser senhor do próprio destino, fato que serviu de base para o mundo moderno.

[...] um novo (velho) centro organizador que é o “eu individual”, passa da periferia da circunferência para o seu centro, enquanto que os centros organizadores passam a gravitar ao seu redor. [...] Deste modo, depois da decomposição do religioso que conduziu a uma diminuição da intensidade do(s) centro(s) sagrado(s) sacrificiais, veio uma recomposição do religioso (sob outro aspecto), na qual o ser humano passou a ser o centro de um novo sagrado (pouco ou não sacrificial).

Isso representa uma mudança de paradigma, uma vez que a verdade das religiões sofreu uma fragmentação em muitas pequenas verdades individuais. (ANES, 2003, *apud* PATIAS, 2007, p.4)

E nessa fragmentação de pequenas verdades, a escritora Janaína Azevedo já demonstra na intitulação do conto a forte presença de uma de suas Marias<sup>2</sup> - Adélia Prado (2003) -, a qual brinca com algumas “certezas” religiosas, antropomorfiza Deus, liberta a mulher de seus estereótipos e preconceitos, e climatiza a eroticidade feminina como resultado de conflitos e paradoxos. Como visto tantas vezes nas obras de Adélia, o título “A Puta de Deus” se constitui num emblema do próprio texto.

O fato de ter posto, no título, os nomes “Puta” e “Deus” com iniciais maiúsculas cria, talvez, o maior de todos os conflitos por sugerir que o Profano e o Sagrado estão num mesmo grau de valor. Também, a presença da preposição “de” entre os nomes supracitados ratifica a ideia de que há uma ligação direta entre os dois termos, corroborando, assim, com as palavras de Santos (2007), quando afirma que só existe um único criador - que é Deus -, e Ele é, por isso, o criador do mal. Então, a Puta provém de Deus, é parte de sua criação.

### 3 Moral versus Direito

O enredo estudado pode, conforme a professora e pesquisadora literária Cândida Vilares Gancho (2006), ser dividido em quatro partes psicologicamente conflitantes: Exposição, Compilação, Clímax e Desfecho.

Na Exposição, tem-se a apresentação da personagem principal e do seu encontro com Deus antropomorfizado. O direito divino dá espaço ao direito racional. Deus não é mais um ser inatingível; é homem e vai atrás da mulher desejada. Não há mais a submissão histórica desta, enfatizando, implicitamente, a igualdade dos sexos, prevista no art. 5º da Constituição Federal (1988): “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]”. (BRASIL, 2011, p. 13).

Expõe o primeiro parágrafo do conto em estudo:

Quando Deus foi me procurar, eu estava bêbada em mesa dos homens.  
Mesmo assim, Ele me pegou no colo, elevando-me a nobres altares.  
Eu, a puta de Deus segui contente, alturas tantas! Deitei na cama macia  
d’Ele. Senti trêmula e palpitante a rija carne de Seu santo espírito.  
Molhei-me de Deus. Ganhei diademas de ouro sagrado, brindei os  
mais saborosos vinhos com Ele (ha, quão eterna delícia a solidão

<sup>2</sup>Expressão presente na dedicatória da obra “Marias”.

perfeita com Deus!). Tão eterna, que enquanto o Senhor se banhava, desci e vim me faltar de novo na mesa dos homens: prazeres e delícias ao som maravilhoso dos salmos do pecado. (AZEVEDO, 1999, p. 31).

Por outro lado, o texto, na medida em que apresenta um Deus antropomorfizado, enfatiza o *status* da puta como amante da maior autoridade local, o que permite que ela possa quebrar todas as regras sociais, sem sofrer quaisquer danos, porque o grande Senhor a procura e a deseja de tal modo que perdoa quaisquer dos seus atos, mesmo que seja “se faltar de novo na mesa dos homens” (traí-lo), e isso a torna superior, sempre protegida, supostamente a mais importante entre todas as outras fêmeas.

Na Compilação, observa-se a eroticidade feminina aproximando sexualidade e religião. Retoma o marco histórico do movimento feminista na década de 60 ? a liberação sexual ? , ao mesmo tempo em que aproxima palavras de caráter antagônico (roubaram-me / com tal respeito) para gerar um novo efeito (releitura): a mulher como “sedutora” (ré), não mais como “seduzida” (vítima):

Cá embaixo, roubaram-me manto, véu, diadema de ouro. Puseram-me escarlate batom. Abriram generosas fendas em minhas vestes – tudo com tal respeito! Cantei e dancei para todos. Bêbeda, de novo bêbeda, sonhei alvura dos lençóis divinos. Dormi assim, toda bêbeda e toda linda no meio da rua: nua de Deus.

Muitos foram os homens que me olharam, olhos de carne nos olhos da carne, mas não me tocavam mais (eu era agora, a linda e louca puta de Deus – escarneciam esses ímpios). Mas bem que ajuntou gente, quando aquele vulto chegou-se a mim e, em voz de filete d’água fria, disse-me:

? “Já recobri a minha cama com acolchoados, com lençóis de linho fino do Egito. Já perfumei o meu leito com mirra, alóes e canela. Vem, saciemo-nos de amores até a manhã, alegremo-nos com amores”.

Mas eu, entre lisonja e temor, respondi-lhe:

? Meu Senhor, Tua puta sente falta dos regozijos dos homens, das santas farras, deles, do profano vinho. “E os que me buscarem, cedo me acharão”, bem sabes Tu.

Eis que Deus então me segurou o queixo e mirou-me fundos olhos:

? “És apenas mulher louca, a Alvoroadora: de nada sabes”. Mulher que se mulheriza em vão. (AZEVEDO, 1999, p. 31).

No clímax, há o ápice do deleite, o gozo do equilíbrio entre o profano e o sagrado. A sacralização do coito em defesa dos direitos sexuais (defesa está presente na pauta de reivindicação do movimento feminista na segunda

metade do séc. XXI), deixando subentendido o que está previsto no art. 21 do Código Civil (BRASIL, 2002): “A vida privada da pessoa natural é inviolável [...]”.

Pensei: “Deus fala bonito!”. De repente, todo o meu corpo clamava seus louvores, ardia na esperança do fogo desse inferno de Deus. Aí, cheguei-me para Ele e o beijei: Sua divina boca então se pôs rubra do meu prostituto batom, Puta vaidosa – Deus me elegeu. Assim, ante a multidão afoita, jurei a meu amante que haveria de consumir toda a carne do meu corpo e do meu espírito, em oferendas a Ele. (AZEVEDO, 1999, p. 32).

E no desfecho, evidencia-se perplexidade e ironia no povo dito sacro, diante da escolha de Deus, o antagonista, vilão em sua escolha. Provoca uma reflexão sobre os valores que vão sendo apreendidos ao longo da vida. Por isso, vale ressaltar o que diz o professor Venosa (2010, p. 210): “O domínio dos valores pressupõe escolha de um caminho, atribuição de um qualificativo, uma seletividade, ou seja, uma tomada de posição.” Assim, encerra o conto: “O povo, agora perplexo e sacro, batia palmas e gritava vivas, trazia-me véu, jogava-me arroz. Procurava juiz. Mas, quanto a mim: não me quis casar não. Porque adoro dizer (salivada boca): ? Sou eu, a puta santa de Deus.” (AZEVEDO, 1999, p. 32).

Constata-se que a autora evidencia a liberdade enquanto direito à escolha de uma união não oficializada em Cartório, enquanto ironiza implicitamente as tradições sociais apreendidas dos discursos religiosos. Na colocação implícita do Concubinato, parece gritar: “Venci a Igreja”, em outras palavras, “o Direito superou os aspectos morais”.

Para tanto, vale ressaltar o que ensina o professor Venosa (2010, p.181):

O agir, a conduta sob a vertente jurídica, projeta-se na sociedade. No campo da moral, a conduta do indivíduo importa principalmente para si mesmo, embora tenha quase sempre o crivo social. Tanto a Moral como o Direito representam a ação, o agir no mundo da cultura. Existe, portanto, um sentido ético tanto no Direito como na Moral. Há destarte, duas esferas de ação a serem consideradas: a ação sob o prisma moral e a ação sob o prisma jurídico.

O autor adverte que “a Moral de um povo nunca pode ser vista distante do conteúdo histórico: o que é de acordo com a moral hoje poderá não ter sido ontem e poderá não tê-lo [*sic*] no futuro”. (VENOSA, op. cit.).

Em continuidade à análise do texto, conforme Gancho (2006), observa-se predomínio do discurso direto, sem época ou duração especificadas, o narrador/protagonista, revestido de alma feminina anti-heroica, exhibe características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

Em relação às características físicas, o oferecimento do próprio corpo remete ao texto bíblico do livro de Gênesis (3:6), no qual Eva, tentada pela serpente, oferece o fruto proibido a Adão, que o come igualmente. (BÍBLIA, 2000, p. 5). Numa outra leitura, o beijo dado em Deus faz paralelo com o beijo de Judas do livro bíblico Matheus (26:49). (Ibid., p. 5). Logo, a personagem deixa para imaginação dos seus leitores a seguinte indagação: seu beijo é tentação, traição ou direito (numa suposta retomada ao Princípio da Dignidade da Pessoa Humana)? (CF/1988, art. 1º, III). Diz o texto: “[...] Aí, cheguei-me para Ele e o beijei: Sua divina boca então se pôs rubra do meu prostituto batom, Puta vaidosa...”. (AZEVEDO, 1999, p. 32).

Nas transformações psicológicas, antes, era a mulher conduzida pela mão masculina, por suas escolhas machistas, mas, hoje, invade o espaço dos homens, destruindo preconceitos, reconstruindo condutas, porque consta na Carta Magna a igualdade de direitos: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.” (CF/88, art. 5º, I). (Op. cit.).

A Puta do conto tem um vocabulário digno de uma dama, por ser uma mistura de conhecimento, suavidade e poesia: “molhei-me de Deus” substitui “gozei” ou expressões chulas; há alma feminina num dizer originariamente masculino. Por outro lado, utiliza-se da expressão “tão eterna” com nuances de ironia para demonstrar que há necessidades intrínsecas ao ser humano.

Quando Deus foi me procurar, eu estava bêbada em mesa dos homens.  
Mesmo assim, Ele me pegou no colo, elevando-me a nobres altares.  
Eu, a puta de Deus segui contente, alturas tantas! Deitei na cama macia d’Ele. Senti trêmula e palpitante a rija carne de Seu santo espírito.  
Molhei-me de Deus. Ganhei diademas de ouro sagrado, brindei os mais saborosos vinhos com Ele (ah, quão eterna delícia a solidão perfeita com Deus!). Tão eterna que, enquanto o Senhor se banhava, desci e vim me fartar de novo na mesa dos homens: prazeres e delícias ao som maravilhoso dos salmos do pecado. (AZEVEDO, 1999, p. 31).

Na visão social, dentre as possíveis leituras, pode-se enfatizar que aquela que, por viver do ou para o sexo (vista pela sociedade como inferior), agora tem seu valor humano reconhecido. Isso cria um paralelo com a frequência de violência ocorrida contra prostitutas, gays, lésbicas, travestis,

transexuais etc., por não terem, em dados momentos, seus direitos socialmente respeitados. Ressalta-se, pois, o previsto no art. 5º, XLI, da CF/1988: “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais”. (Op. cit.).

A mesma frase tem conotação psicológica na medida em que relaciona o gozo entre partes divergentes ou, ainda, por conservar implicitamente a cultura apreendida do homem como o chefe (aquele a quem se segue). Todavia, mais adiante, a obra brinca com o trecho bíblico de Lucas 7:37-38 (BÍBLIA, 2000, p. 90-91), já que não é a mulher que traz o vaso com perfume; é Deus que, diante dos ímpios, assume essa posição (servil).

Muitos foram os homens que me olharam, olhos de carne nos olhos da carne, mas não me tocavam mais (eu era agora, a linda e louca puta de Deus – escarneciam esses ímpios). Mas bem que ajuntou gente, quando aquele vulto chegou-se a mim e, em voz de filete d’água fria, disse-me: ? Já recobri a minha cama com acolchoados, com lençóis de linho fino do Egito. Já perfumei o meu leito com mirra, aloés e canela. Vem, saciemo-nos de amores até a manhã, alegremo-nos com amores. (AZEVEDO, 1999, p. 31).

Em relação às convicções ideológicas, a narrativa apresenta uma mulher insensata, indisciplinada ou errante? Também é possível atribuir-lhe mais um sentido com o verbo “alvorçar”, indicando “entrar a fêmea no cio”. (FERREIRA, 2001, p.36). Pode a personagem ver-se apenas puta, gostar de o ser? O art. 5º, VIII, da CF/88, responde: “ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política [...]”. (BRASIL, 2011, p. 13). Cita o texto: “ És apenas mulher louca, a Alvorçadora: de nada sabes”. (AZEVEDO, 1999, p. 32).

Nos aspectos morais, a alegria da personagem em ver-se (sentir-se) aceita, tal como era por Deus, em mirar-se com beleza personificada de Sabedoria, diante da perplexidade de um povo (religioso) preconceituoso (condutor de regras morais), superpõe o texto da Bíblia, Jo 8:7b, sobre a mulher adúltera, em que Jesus argumenta: “Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.”. (BÍBLIA, 2000, p. 138).

Ainda, o fato de não querer casar, remete ao art. 226, §3º, da Carta Magna (BRASIL, 2011): “Para efeito de proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre homem e mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.” Diz o conto: “O povo, agora perplexo

e sacro, batia palmas e gritava vivas, trazia-me véu, jogava-me arroz. Procurava juiz. Mas, quanto a mim: não me quis casar não.” (AZEVEDO, p. 32). Quem se atreve, pois, a condenar a “Putas de Deus”?

Como o Direito é fruto da sociedade, as mudanças evidenciadas no texto legal retratam tão somente um outro estágio comportamental dos indivíduos. O Direito reconheceu uma experiência comum no meio social. Isso porque considerou o já citado Princípio da Dignidade da Pessoa Humana. Estar casado adquire um sentido mais subjetivo.

A narrativa, portanto, apesar de conversar continuamente com textos bíblicos, numa dicotomia entre os desejos da carne e os do espírito, reafirmando o gosto pelas obras da escritora Adélia Prado (2003), trazendo, de certa forma, poesia para o conto - com cadência: “Eu, a Puta de Deus segui contente, alturas tantas!”; metáforas: “Molhei-me de Deus”; e oximoros: “Sou eu, a puta santa de Deus” -, traz questionamentos importantes da conduta humana sob a vertente jurídica, o que não torna a leitura um ato enfadonho.

E como não se surpreender com uma mulher que afirma que “seu corpo arde na esperança do fogo desse inferno de Deus, seu amante é Deus, e sua boca saliva quando diz que é a puta santa de Deus?” A personagem, nesse instante, aflora uma outra Maria da autora<sup>3</sup> - Hilda Hilst (2002) -, que falou sobre o grande misticismo de Deus, além de traduzi-lo como o “Grande Intestino”. Parece que Hilda e Janaína desbravaram matas e, por conseguinte, fizeram-no com o próprio Deus: “Porque adoro dizer (salivada boca): sou eu a puta santa de Deus”. (AZEVEDO, 1999, p. 32).

A saliva, dentro de um ambiente cheio de tensão e conflitos, pode ser lida de acordo com os postulados do fisiologista Ivan Petrovich Palov (1972) sobre reflexos digestivos. Ele verificou que não só a comida na boca do cão provocava salivação. Se houver comparação (mesmo compreendida como grotesca, pejorativa) da puta (personagem) com uma cadela, obtém-se o mesmo resultado: sua boca não saliva por comida. É possível até complementá-lo: a boca não saliva só por comida, porque “uma pequena parte do universo está contida dentro da pele de cada um de nós” (SKINNER, 1982, p.23).

#### 4 Considerações finais

O conto “A Puta de Deus” consegue migrar da ficção à realidade do leitor, por mexer de forma tão bem balanceada com os desejos mais secretos, íntimos ou psicológicos. É possível sentir e respirar junto com a “puta”, ou seja, verificar

<sup>3</sup>Expressão presente na dedicatória da obra “Marias”.

que o erotismo é inato à condição humana. Não é uma questão de corromper valores morais, mas reafirmar que o ser humano é processo, continuação e, como tal, carece ver-se no seu conjunto interdependente - corpo, mente, espírito. A “puta” não é só corpo, e o sexo não nasce e morre neste.

O sagrado e o profano são tratados como resultado da reaprendizagem do que nos foi ensinado culturalmente, em palavras milimetricamente dosadas de excitação. Só a arte para fazê-lo! A literatura, portanto, é capaz de quebrar tabus e regras sociais, para reconstrução de valores dentro do Princípio da Dignidade Humana, essência maior da Constituição da República Federativa do Brasil.

A narrativa pode apaixonar o leitor pela sensualidade exalada - tendência “Adeliana” -, ao mesmo tempo em que provoca, polemiza, instiga a refletir sobre o amor lúbrico, sobre os valores morais preconcebidos, sobre os direitos constitucionais, sobre a manifestação de pensamento, sobre a liberdade, sobre o respeito, sobre si mesmo.

A própria Adélia Prado (2003), “uma Maria tão presente nesta obra”, poderia gostar de ver, na “Putas de Deus”, a idealização em prosa de grande parte dos seus versos e, assim, reinventar, em sua “Bagagem”, o poema “A Serenata”, alertando que, na inquietude feminina à espera do amor, há momentos em que “ou se vira santa ou puta”.

## Referências

AZEVEDO, J. *Marias*. João Pessoa: Universitária, 1999.

BARZOTTO, L.F. *O positivismo jurídico contemporâneo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução do Centro Bíblico Católico. 57. ed. São Paulo: Ave Maria, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., em letra grande. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BRASIL. Código civil (2002). *Código civil brasileiro e legislação correlata*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 2011.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, A.B.H. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GANCHO, C.V. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HILST, Hilda. *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Globo, 2002.

KRAUSE, G.B. (Org.). *Literatura e ceticismo*. São Paulo: Annablume, 2005.

PATIAS, J.C. O sagrado e o profano: do rito religioso ao espetáculo midiático. In: Seminário comunicação na sociedade do espetáculo, 2., 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2007.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. João Pessoa: A União, 2007.

PAVLOV, I. P. *Reflexos condicionados e inibições*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

PRADO, A. *Bagagem*. São Paulo: Record, 2003.

SANTOS, R.B. *Satanás nunca foi Lúcifer: a verdade sobre a origem do mal*. 2007. Disponível em:< <http://www.webartigos.com/artigos/satanas-nunca-foi-lucifer-a-verdade-sobre-a-origem-do-zal/49549/#ixzz1VKNIO5FI>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

SKINNER, B.F. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1982.

VENOSA, S.S. *Introdução ao estudo do direito: primeiras linhas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.